

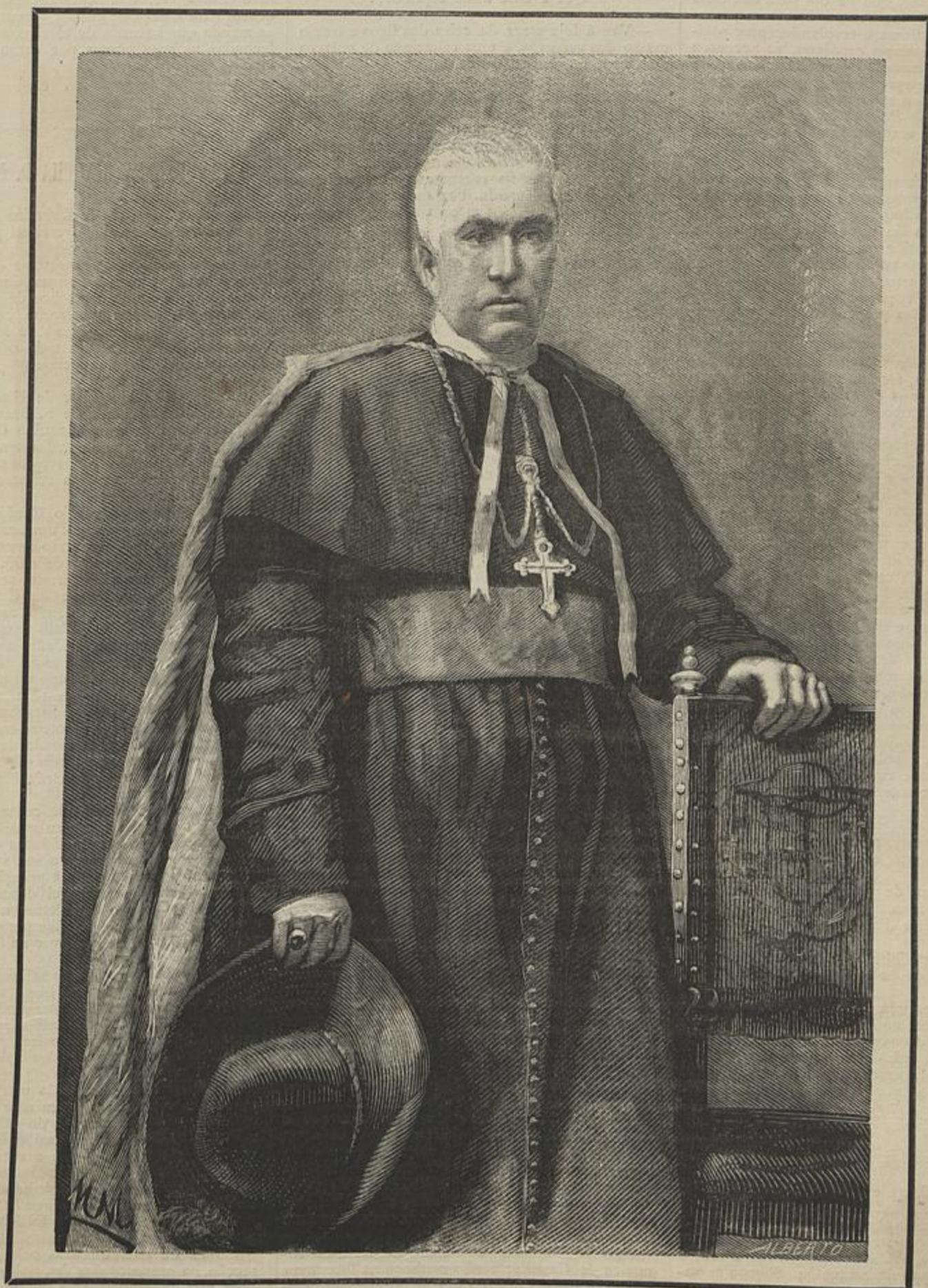
OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

6.º ANNO

11 DE MARÇO DE 1883

VOL. VI—N.º 152



D. IGNACIO I, CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA — Fallecido em 23 de Fevereiro de 1883
(Segundo uma photographia de Angiolini e Tambello)

CHRONICA OCCIDENTAL

Fallemos hoje de livros.

A promessa de ha muito feita não foi mais cedo cumprida por umas preocupações tristes d'indole profundamente intima, e pela necessidade de pôr em dia uns trabalhos atrazados, necessidade e preocupações, que só hontem nos permittiram terminar a leitura d'esse livro delicioso e notavel com que Camillo Castello Branco acaba d'enriquecer a litteratura portugueza — *A Brasileira de Prazins*.

Como romance, como acção, como interesse dramatico, ha decerto na vasta e riquissima colleção de Camillo livros que valem mais do que este; mas nenhum affirma mais do que elle a pujança extraordinaria d'esse extraordinario talento, as colossaes qualidades de observação, de analyse, d'esse grande escriptor, o brilho enorme d'essa penna sublime, que de dia para dia, mais enérgica, mais viril, escreve na litteratura portugueza, as mais radiosas e resplandecentes paginas, em que o realismo moderno, se accentua definitivamente, chancellado com essa chancellada divina, que nem sempre illumina todos os livros da nova escola: — o talento.

Na *Brazileira de Prazins* ha notas de observação, descripções maravilhosas de verdade, que são realmente formosas e verdadeiras obras primas.

Fazemos uma chronica, e não fazemos uma bibliographia, bem sabemos: mas em vez de estar a confeccionar uns louvores, sempre pallidos ao lado dos primores do novo livro de Camillo, preferimos para justificar a nossa admiração, dar em vez d'um *compte rendu* deficiente da obra do grande mestre, uma pagina das mais admiraveis da *Brazileira de Prazins*.

É a descripção dos preparativos d'um assassinato.

Eil-a:

«O Merlo ás 8 horas da noite quando os frequez desalojaram, fechou a taberna; e espreitando se os pequenos dormiam disse á mulher: — A casa do Cambado é nossa, mas é preciso vindimar o Zeferino.

— Credo! — exclamou a mulher com as mãos na cabeça. Nossa Senhora nos acuda.

— Leva rumor! — e punha o dedo no nariz.

— Ó Joaquim, ó marido da minha alma, lembra-te dos tres annos que penaste na cadeia!

— Já te disse que me não cantes — e relanceava-lhe o seu formidavel olhar vesgo incendiado com os lampejos da cadeia em que afogueava o cachimbo de pau. Depois foi tirar d'entre a cama de bancos e a parede uma velha clavina.

Sentou-se á lareira e disse á mulher que tivesse mão na cadeia. Enroscou o sacatrapo na ponta da vareta de ferro e descarregou a arma, tirando primeiro a buxa de musgo, e depois voltando o cano yasou o chumbo na palma da mão.

— Ó José, vê lá o que vaes fazer! insistia a mulher limpando os olhos com a estopa da camisa. E elle, assobiando o hymno da Maria da Fonte, despejava a polvora da escorva, desarafusava a culatra e tirava as duas braçadeiras.

A mulher soluçava, e elle cantando n'uma surdina rouca:

Leva ávante, portuguezes,
Leva ávante, e não temer...

— Pelas chagas de Nosso Senhor lembra-te dos nossos pequenos.

E o Merlo n'uma distracção lyrica:

Pela santa liberdade
Triumphar ou padecer...

Depois, bufava para dentro do cano e punha o dedo indicador no ouvido da culatra para sentir a pressão do sopro, que fazia um fremito aspero, impedido pelas escorias nitrosas.

Pediu á mulher umas febras de algodão em rama, enroscou-as n'uma agulha de albarda, e o escarafunchou o ouvido do cano.

— Está sujo, disse elle, dá cá um todonada de aguardente.

— Joaquim, vamo-nos deitar pelas almas. Não te desgraces!

— Traz aguardente e cala-te, já t'o disse, mulher, com dez diabos! — E poz-se a assobiar a *Luizinha*. Enroscou o algodão embebido em aguardente no sacatrapo e esfregou repetidas vezes o interior do cano até sahirem brancos e secos os ultimos farrapos da zaragatôa. Soprou novamente e o ar sahia sem estorvo pelo ouvido com um sibillo igual.

Parecia satisfeito e cantarolava, *mezça voce*:

Agora, agora, agora,
Luizinha agora.

Armou a clavina, aparafusou as braçadeiras, a culatra e a fecharia, introduzindo a agulha. Aperrou e desfechou o cão repetidas vezes, acompanhando o movimento com o dedo pollegar, para certificar-se de que o desarmador, a caxeta, e o fradete trabalhavam harmonicamente. Levantou o fusil de aço, que fez um som rijo na mola e friccioneou-o com polvora fina: e, com o bordo de um navalhão de cabo de chifre, lascou a aresta da pederneira que falcava.

— Valha-me a Virgem! valha-me a Virgem! soluçava a mulher.

E elle, zangado com as lastimas da mulher, com expressão raivosa, n'um *sfogato*:

E viva a nossa rainha
Luizinha,
Que é uma linda capitôa...

— Vae á loja atraz da ceira dos figos e traz o masso dos cartuxos, e uma cabacinha de polvora de escorvar que está ao canto.

A mulher dava-lhe as coisas a tremor, e fazia invocações ao Bom Jesus de Braga e ás almas santas bemditas. Elle encarou-a de esconso e regougou: — Mão!... mão!...

Carregou a clavina com a polvora de um cartuxo; bateu com a coronha no sobrado, e deu algumas palmadas na recamara para fazer descer a polvora ao ouvido. Fez duas buxas do papel do cartuxo e bateu-as com a vareta, ligeiramente, uma sobre a polvora e a outra sobre a bala.

Agora, agora, agora,
Luizinha agora.

Depois, pegou da clavina pela guarda-matta e poz-se a fazer pontarias vagamente, passeando um olho, com o outro fechado, desde a mira ao ponto.

A mulher fôra sentar-se no sobrado, á beira da enxerga de tres filhos a chorar: o mais novo esperneava, dava vagidos na cama a procural-a. O *Alma-negra* fôra dentro beber uns tragos de aguardente, voltou enroupado n'um capote de militar, despojo das batalhas da *Maria da Fonte*.

— Ora agora, disse elle, ouviste? porta da cozinha e a cancella da horta aberta, porque eu venho pelo lado do pinhal.

— Vae com Nossa Senhora, disse a mulher, e poz-se de joelhos a uma estampa do Bom Jesus a resar muitos *Padre Nossos*, a fio.

O Merlo saiu. A noite era escura e silenciosa, a *serenidade negra* e *immota das catacumbas*.

Ao approximar-se da taberna do Chasco ouviu remorejar vozes lá dentro e tinir dinheiro. O Zepherino, aquelle a quem ia matar, reclamava um quartinho que puzera de porta. Seguiu-se um combate de injurias, e depois uma batalha de soco, de pau e de navalhas. A porta abriu-se de repente. Os desordeiros saíram em turbilhão para a rua, mas um não sahio: *encostara-se ao mostrador com as mãos no baixo ventre, gritando que o mataram; e vergando sobre os joelhos, n'um escabujar angustioso cahiu de bruços, quando o taberneiro e o Tagarro o seguravam pelos sovacos. Era o Zepherino.*

O Merlo, ou o *Alma Negra*, voltou para casa.

Quando á meia noite o *Alma Negra* entrava em casa pela porta do quintal, encontrou a mulher ainda de joelhos deante da estampa do Bom Jesus do Monte. Ao lado d'ella estavam duas filhas a resar tambem, a tiritar, embrulhadas em uma manta esburacada, aquecendo as mãos com o bafô.

O Merlo mandou deitar os filhos, e foi á loja contar á mulher, livida e tremula, como o Zeferino morreu sem elle pôr para isso prego nem estopa. Ella pôz as mãos em transporte e disse que fôra milagre do Bom Jesus, que estivera tres horas de joelhos deante da sua divina imagem. O marido objectara contra o milagre, que o compadre não lhe dava a casa, visto que não fôra elle quem vendimara o Zeferino: e a mulher — que levasse o demo a casa, que elles tinham vivido até então na choupana alugada e que o Bom Jesus os havia de ajudar.

Ao outro dia Joaquim Merlo convenceu-se do milagre, quando o compadre depois de lhe ouvir contar a morte do pedreiro, lhe disse:

— Emfim, você ganha a casa, compadre, porque matava Zeferino, se os outros não mátam elle, hem?»

Aqui tem um dos capitulos do delicioso romance de Camillo; e não conheço na litteratura moderna, muitas paginas que se lhe possam comparar.

Aos outros livros de que promettemos dar

conta aos nossos leitores veio juntar-se um novo, d'um escriptor de muito talento, os *Esboços do Natural* do sr. Julio Lourenço Pinto, o auctor do *Senhor deputado da Vida atribulada* e da *Margarida*, romances que marcam entre os mais notaveis, que ultimamente tem apparecido em Portugal.

Dos *Esboços do natural*, da *Cidade do vicio* e das *Telas historicas* fallaremos proximamente.

E temos terminada a nossa chronica d'hoje, porque Lisboa foi extremadamente pacata n'estes ultimos dez dias, não deu que fallar de si, a não ser o theatro de D. Maria, que nos deu o beneficio de João Rosa com o *Grande Industrial*, peça tirada d'um romance de Georges Ohnet pelo sr. Moura Cabral, assumpto que reservamos para a proxima ohronica, que naturalmente será toda dedicada a theatros, visto o Gymnasio dar hoje que escrevemos a representação da *Vida d'um rapaz pobre*, S. Carlos annunciar para terça feira o *Lohengrin*, e a Trindade prometter para quarta feira a peça de grande espectaculo *A volta ao mundo* que ha mais de 15 dias a obriga a ter fechadas as suas portas por causa dos ultimos ensaios d'apuro.

Gervasio Lobato.

O CARDEAL PATRIARCHA D. IGNACIO I

Falleceu no dia 23 de fevereiro ás 5 horas e dez minutos da manhã, o cardeal patriarcha de Lisboa, D. Ignacio I.

O nome secular d'este principe da Egreja era Ignacio do Nascimento Moraes Cardoso.

Nascido em 20 de dezembro de 1811 na Villa de Murça o finado patriarcha contava pouco mais de 71 annos, e ha mais de 5 que o inutilisára completamente para todo o trabalho uma doença terrivel, o amollecimento espino cerebral.

Filho de paes humildes, de Hipolyto Moraes Cardoso, monteiro-mór de S. Mamede de Riba Teca, e de D. Eufemia Joaquina Cardoso, o futuro principe da egreja estudou em Coimbra humanidades, retirando-se aos 19 annos para a sua terra natal por causa dos acontecimentos politicos de 1830.

D'ahi a 5 annos, Ignacio Cardoso veio para Mafra, para a companhia d'um seu tio, frei Ignacio da Purificação, ordenando-se no patriarchado de Lisboa em dezembro de 1835. Continuando depois os seus estudos formou-se em 1853 em theologia na universidade de Coimbra, sendo pouco tempo depois nomeado capellão-mór da misericordia de Lisboa. D'alli passou a capellão da capella real das Necessidades e conego da Sé, e capellão e confessor de el-rei D. Pedro v.

Em 1863, o conego Ignacio foi nomeado bispo do Algarve e em janeiro de 1871, sendo ministro da justiça o fallecido estadista Saraiva de Carvalho, foi o filho do monteiro-mór de S. Mamede elevado á alta dignidade de patriarcha de Lisboa, sendo no consistorio de 22 de dezembro de 1873 nomeado cardeal presbytero da egreja romana.

Distincto na Universidade como academico, o cardeal D. Ignacio não deu que fallar de si na sua passagem pelas summidades da egreja portugueza, e não assignalou a sua vida de prelado por nenhum acto digno de menção.

Além d'isso a implacavel doença a que succumbiu, dominava-o completamente nos ultimos annos da sua vida e não lhe permittiu desenhar uma individualidade qualquer na historia do cardinalato portuguez.

D. Ignacio foi tres vezes officialmente ao Vaticano. A primeira como bispo assistir ao conselho ecunemico de 1869, a segunda, visitar Pio ix e receber o chapéu e o anel cardinalicio, a terceira e ultima, já como cardeal, tomar parte no conclave, em que foi um dos eleitores do actual papa Leão xiii.

Aos ultimos momentos do patriarcha nos Paços de S. Vicente assistiram o arcebispo de Me tylene, o thesoureiro mór do cabido, o thesoureiro Cabral, o mestre do salão, Polycarpo, e os padres Lima e Sampaio, e o secretario Antonio Antunes Ribeiro, o dr. Brandão, medico assistente da S. Eminencia, e a sobrinha e sobrinho do cardeal, seus unicos herdeiros.

O funeral do patriarcha foi feito com todas as grandes honras do estylo.

Depois de embalsamado pelo systema de injectão, na presença dos drs. Baldy, Brandão, Barbosa e o dr. Magalhães Coutinho mandado por S. M. El-rei o sr. D. Luiz, o cadaver foi vestido com os seus habitos de gala e todas as suas

insignias cardinalicias, entre as quaes figura uma murça de que só podem usar os patriarchas de Lisboa e os papas, e em seguida exposto ao publico durante dois dias na sala do docel, transformada em camara ardente.

O leito mortuario onde estava o cadaver era coberto por um docel sustentado por duas columnatas e ladeado por 12 tocheiros com velas de cera.

O corpo estava deitado sobre um colchão forrado de velludo carmesim e tinha sobre o peito um crucifixo em que se apoiava a mão esquerda, e a mão direita estendida ao longo do cadaver, com o anel cardinalicio, que era beijado por quasi todos os visitantes.

Aos pés do corpo estiveram constantemente dois capellães do paço, que se revesaram de hora a hora, resando e velando.

Nos dois dias de exposição foi enorme a concorrência, e nem um minuto, desde a porta se abriu até se fechar, as salas deixaram de estar completamente cheias de gente.

No dia 28 de manhã foram beijar o anel do patriarcha El-Rei D. Luiz, El-Rei D. Fernando e o Principe Real. Em seguida procedeu-se á cerimonia dos *liberames* dos priores. Todos os parochos das freguezias do Patriarchado divididos em tres turnos, foram de cruz alçada cantar o *liberame* aos pés do cadaver do seu patriarcha.

Nesse dia ás 10 horas da manhã realisaram-se as exequias e o enterro do patriarcha com a assistencia de El-Rei D. Luiz, D. Fernando, Principe Real, Ministerio, e todo o cabido da Sé de Lisboa, corpo diplomatico e altos dignatarios.

O prestito, que percorreu um curtissimo espaço, pois apenas sahiu da porta do paço patriarchal para entrar logo na igreja de S. Vicente levou a seguinte ordem.

1.º Carruagens de nobres, titulares, altos dignatarios, ministerio e côrte.

2.º O mestre das ceremonias mais moderno montado n'uma mula branca, empunhando a cruz metropolitana.

3.º Os coches, indo á frente os dos officiaes do prelado, e depois o do feretero ladeado por 12 sacerdotes montados a cavallo, e com tochas na mão.

O caixão era forrado de escarlate, agalulado de preto, tinha tres involucros, sendo o entremedio de zinco, e tampa de vidro que deixava completamente a descoberto o cadaver do patriarcha.

Seguia este coche a brigada de cavallaria comandada pelo infante D. Augusto.

Depois de celebradas as exequias em que se cantou o celebre *libera-me* de Mozart o caixão foi transportado á casa dos patriarchas onde ficou depositado, dando todas as embarcações de guerra surtas no Tejo as salvas do estylo, e salvando a artilheria postada no Terreiro do Paço.

No dia da morte do cardeal, no immediato e no do enterro foram prohibidos officialmente os espectaculos publicos.

As nossas gravuras representam o cardeal D. Ignacio, o seu enterro e a exposição do corpo na camara ardente.

R.

RICARDO WAGNER

I

(Continuação)

Ricardo Wagner considerava a educação atrazada do publico, avaliava o poder das tradições a influencia dos sentimentos convencionaes, a deficiencia dos artistas, as raizes fundas que o passado lança sempre nos espiritos, — mas não duvidou nunca da bondade da sua obra nem da verdade do seu systema. Por isso, atravez de todos os obstaculos e de todas as derrotas transitorias, elle sabia, — elle julgava saber, — que a victoria definitiva o esperava.

Rienzi cae no theatro de Hamburgo, e as direcções de quasi todos os theatros da Allemanha recusam-se a executal-a. *Tannhäuser*, posto em scena no theatro de Dresde em 1845, (20 de outubro) na volta d'uma viagem que o auctor fizera, doente, á Bohemia, só pode ser duas vezes ouvido e é, em seguida regeitado, como o fora *Rienzi*, pelos principaes theatros lyricos.

Nada vale porém a desanimar o grande luctador: Começara na Bohemia a esboçar um drama musical, — um verdadeiro *drama musical*, e não já uma *opera*, no genero que designa esta palavra inexpressiva. O novo ponto de vista esthetico definia-se cada vez mais no espirito de Wagner e, correlativamente, se realisava cada vez me-

lhor tambem nas suas obras. Esse *drama*, escripto com fervor, precisamente no instante em que parece que as forças do maestro deviam estar mais abatidas pelos revezes, estava terminado em 1847 e chamava-se *Lohengrin*. É d'esta epoca o *Banquete dos Apostolos* (*Der Libesmahl der Apostel*) grande scena biblica para vozes de homens e orchestra. Pouco depois escreve Wagner os poemas dos *Mestres cantores de Nuremberg* (*Die Meister sänger von Nürnberg*) e da *Morte de Siegfried* (*Siegfrieds Tod*) de que mais tarde faz o *Crepusculo dos Deuses*.

É de 1844, quando Wagner residia em Dresde, (para que me não esqueça coisa alguma importante,) a composição para coros e orchestra da cantata *An Webers Grabe* escripta por occasião de se trasladarem para Allemanha os restos de Weber morto em Londres, e, pode dizer-se um dos mais influentes mestres dos primeiros annos de Wagner.

Em 1848 os estudos de *Lohengrin* que devia ser executado no theatro de Dresde, foram interrompidos pela grande revolução democratica.

Ricardo Wagner entrou, pelos seus escriptos e discursos, no movimento revolucionario e teve de fugir, em 1849, ante os partidos conservadores victoriosos.

É então que começa a ligação celebre entre Ricardo Wagner e Franz Liszt: É este artista extraordinario que forma, desde então, o centro, em volta do qual se grupam, pouco a pouco, os revolucionarios da musica, para dirigirem a campanha que, a muitos respeitoes, tem já, pode dizer-se, conquistado a Allemanha e o mundo.

É o proprio Wagner quem conta este notavel episodio da sua vida:

«Vi Liszt em Weimar emquanto eu descançava, um momento na Thuringia, sem saber bem ainda se a ameaçadora perseguição me obrigaria a continuar a minha fuga atravez da Allemanha... Foi no proprio dia em que eu adquiri a certeza do perigo imminente que corria que vi pela primeira vez Liszt dirigindo um ensaio de *Tannhäuser*. Reconheci então que esse artista era como que um outro eu: o que eu havia sentido, inventando aquella musica, sentia-o elle executando-a; o que eu quizera expressar escrevendo-a, expressava-o elle, emfim, fazendo-a tocar. No momento em que eu ia ficar sem patria, adquiria assim, para a minha arte, uma patria e um asylo...

«Nos fins do tempo da minha ultima residencia em Paris estava eu doente, miseravel, desesperado... Um dia, sentado em casa pensava vagamente no meu triste destino quando, por acaso, as vistas cahiram sobre a partitura do *Lohengrin*. Então, ao ver aquella musica condemnada a nunca talvez sahir vibrante d'aquelle pallido e morto papel, senti-me invadido como que d'uma grande compaixão... Peguei n'uma penna e escrevi duas palavras a Liszt: A sua resposta, dizia-me apenas — que se haviam começado, para a representação do meu *drama*, os preparativos que os recursos de Weimar permittiam pôr em acção.

Tudo quanto os homens e as circumstancias podem fazer foi emprehendido com effeito para que a obra podesse ser comprehendida.»

A 28 de agosto de 1850 o *Lohengrin* é cantado no theatro de Weimar e marca o primeiro e influente triumpho da obra de Ricardo Wagner.

É d'este momento que pode datar-se, na propria Allemanha a lucta, progressivamente victoriosa das obras e das ideias de Ricardo Wagner.

No theatro de Weimar Liszt conseguiu por muitos annos pôr em scena, por esse tempo os grandes trabalhos modernos de cujos successos financeiros os empresarios commerciaes desconfiavam, mas que tem no mundo da arte uma elevada significação: assim o *Hollandes voador*, o *Tannhäuser*, o *Lohengrin* de Wagner, e o *Benvenuto Cellini* de Berlioz, a *Genoveva* e o *Manfredo* de Schumann.

Foi em Weimar que se juntaram os novos espiritos e que propriamente se criou e se organizou o *Wagnerismo* militante.

Foi em Weimar que se tornou discipulo de Franz Liszt uma das mais notaveis organizações musicas do mundo moderno, Hans Guido von Bülow.

Hans von Bülow casou com mademoiselle Colima Liszt, que, mais tarde, se torna a companheira inseparavel de Ricardo Wagner.

Não teve o wagnerismo nunca, nem maior defensor nem mais auctorizado e fanatico apostolo do que Bülow, o unico pianista moderno que pode comparar-se, em muitas cousas como superior, a Antonio Rubinstein.

Ricardo Wagner emigrando para a Suissa fixa-se em Zurich onde se tornou o director do theatro e da Associação musical.

Na enumeração rapida das obras de Wagner,

não tenho incluído os seus trabalhos litterarios. Ricardo Wagner foi sempre, porém, activo e productivo, ao mesmo tempo um philosopho, um critico, um poeta e um musico.

Em Paris, de 1840 a 1841, Ricardo Wagner foi mesmo mais notado como litterato que como musico. A *Gazette et Revue musicale* publicou d'elle uma serie de artigos que mais tarde o author imprimiu em allemão no 1.º volume das suas obras¹, sob o titulo de *Um musico allemão em Paris: (Ein deutscher musiker in Paris: Novellen und Aufsätze)*, *Uma perigrinação a Beethoven*, e *O fim d'um musico em Paris*, as quaes revellam principalmente a influencia fundamental que Wagner considerava na musica do passado, e as luctas e amarguras de uma parte mais obscura da sua mocidade: O heroe do romance de Ricardo Wagner morre em Paris, vencido, mas exclamando:

— Creio em Mozart, em Beethoven e na arte individual.

Na imigração, Wagner dá emfim forma litteraria doutrinal ao seu systema esthetico e critico e publica successivamente as seguintes obras: *A arte e a revolução* (*Die Kunst und die Revolution*), 1849², *A obra d'arte do futuro* (*Das Kunstwerk der Zukunft*), 1850³, *A arte e o clima* (*Kunst und Klima*), 1850⁴, e a *Opera e o Drama* (*Oper und Drama*), 1851⁵.

No primeiro d'estes livros Ricardo Wagner faz a critica do theatro contemporaneo e descreve, como typo a renovar, as representações theatraes da antiga Grecia. No segundo livro estuda as condições de união das artes n'uma só arte superior resultante das forças particulares de todas. No ultimo, finalmente, *da opera e drama*, Wagner estuda as relações entre o poeta e o musico na realisação d'um *drama musical*, prova que o poeta dramatico só na musica encontra a inteira satisfação do seu espirito, mostra que os mythos são para o poeta e para o musico a verdadeira materia ideal, e estuda os recursos que offerece a forma artistica moderna desconhecida dos seculos passados.

Voltaremos aos escriptos de Ricardo Wagner quando se analysar a sua obra.

É em Zurich que Wagner escreve a obra que representa, como ideia e forma poetica e musical, a realisação completa do seu systema: *O Niebelung*.

O poema do *Wieland o ferreiro* (*Wieland der Schmied*) que foi feito por esse tempo, como que em projecto, representa uma tentativa que não chegou a realizar-se.

Em 1851 Ricardo Wagner publica na Allemanha em livro os poemas do *Hollandes voador*, do *Tannhäuser* e do *Lohengrin*, acompanhados d'uma descripção do *Niebelung*, e precedidos de uma *communição aos meus amigos* (*Eine Mittheilung an meine Freunde. Drei Öpendictungen*), especie de auto-biographia e programma de esthetica.

O *Judaismo na musica*⁶ publicado em 1852, é a critica violenta dos authores modernos mais influentes em França e na Allemanha, Mendelssohn, Meyerbeer e Halevy.

Durante toda esta epoca da sua vida Wagner apparece pouco e não faz ouvir composição alguma nova. E' entretanto então que Wagner escreve o poema de *Tristan e Isseult*.

Em 1855 dirige em Londres oito concertos na *London philharmonic society* e ahi conhece pessoalmente Heitor Berlioz.

Em 1857 os imperadores da França e da Austria teem uma intrevista em Stuttgard onde o *Tannhäuser* é executado. Os correspondentes dos jornaes francezes falam da opera, e, para corresponder ao movimento da opinião, a musica de Wagner começa a executar-se nos concertos de Paris.

(Continua)

V. de D.

ERRATA IMPORTANTE DO NUMERO ANTECEDENTE

Pag. 51, col. 1.ª, lin. 19, deve lêr-se: casou com a actriz Minna Planer, compoz duas *Ouvertures*, *Polonia* e *Rule Britannia*, etc.

Col. 1.ª, lin. 86 e seguintes, deve ler-se: as unicas quatro melodias para canto que, além das suas operas, até então (1839) se conhecem a Wagner com os nomes de *Les deux grenadiers* etc.

¹ Richard Wagner: *Gesammelt Schriften und Dichtungen*. Leipzig: E. W. Fritsch.

² Obra citada, t. III.

³ Obra citada, t. III.

⁴ Obra citada, t. III.

⁵ Obra citada, t. III e IV.

⁶ Obra citada, t. V.

ANTONIO DE ANDRADE E FRANCISCO DE ANDRADE ¹

Antonio e Francisco de Andrade; eis os nomes de dois rapazes tão conhecidos e estimados em Lisboa e que hoje cultivam com esmero a arte dos sons na patria do Dante. Dedicaram-se á

tos de amadores que se faziam no salão da Trindade em beneficio dos Asylos das Creanças Pobres que se pronunciou nos dois irmãos Andrades a vocação decidida para o canto. Encarregados de executar alguns trechos, conseguiram agradar ao publico, que n'elles encontrou vestigios de verdadeiros artistas. Desde então, anima-

tamente os aguardavam quando se faziam ouvir, elevaram mais alto as suas aspirações, e induziram-n'os a tirar partido dos dotes vocaes com que a natureza os havia distinguido.

Em março de 1881 partia Francisco d'Andrade para Italia e em agosto do mesmo anno seu irmão Antonio afim de se dedicarem com afincó



MORTE DO CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA — A CAMARA ARDENTE (Desenho do natural por Macedo e Christino)

carreira lyrica, e os successos que n'ella teem obtido provam exuberantemente o grau de intelligencia de que são dotados, os recursos vocaes de que dispoem, o profundo sentimento artistico que os anima e a persistencia de estudo a que se entregam.

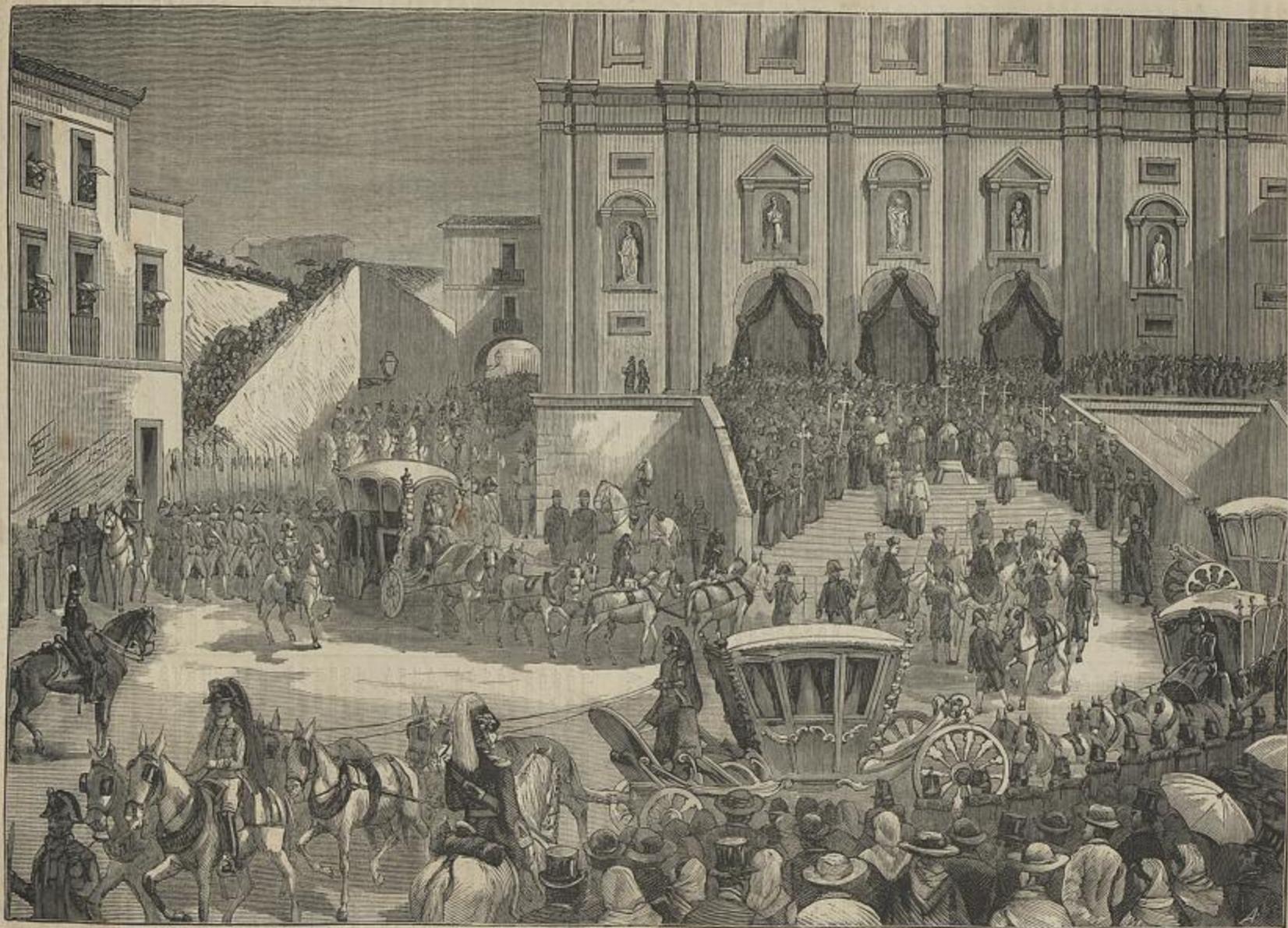
Foi em 1879, por occasião de um dos concer-

¹ Vid. pag. 53 n.º 151.

dos pela recepção benevola com que foram acolhidos, dedicaram-se com amor ao estudo sob a direcção dos professores Lami e Pontecchi, e por algum tempo fizeram as delicias das salas da nossa primeira sociedade, onde eram esperados com viva anciedade e recebidos com a maxima estima.

As felicitações, os bravos e as palmas que cons-

a um estudo serio e consciencioso que lhes devia abrir caminho para a scena lyrica. É preciso ter assistido áquelles continuos exercicios de vocalisação a que os dois Andrades se entregavam, sob as vistas do distincto professor de canto Corrado Miraglia, para poder avaliar a força de vontade e a energia que desenvolviam para alcançar o lugar que de justiça lhes pertence.



MORTE DO CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA — FUNERAL, CHEGADA DO PRESTITO AO TEMPLO DE S. VICENTE DE FÓRA (Desenho do natural por Macedo e Christino)

Pela morte de Miraglia, passou a ser professor dos nossos compatriotas o celebre baritono Ronconi. Com elle continuaram até ao aperfeiçoamento, estudando grande numero d'operas e habilitando-se á estreia que teve logar para Antonio d'Andrade em outubro de 1882 e para seu irmão Francisco em dezembro do mesmo anno. Antonio debutou no theatro de Varese com a *Favorita*.

O exito foi completo; o publico composto dos habitués da Scala, que no outono deixam Milão para gosar o ar puro dos lagos e suas immedições, não se cansava em prodigalizar ao tenor neophito as provas mais evidentes de estima e agrado, obrigando-o a bisar as duas romanzas. De successo em successo cantando as operas *Baile de Mascaras, Rigoletto, Promessi Sposi, Traviata, Linda, Fausto*, etc, Antonio d'Andrade em tão curto espaço de tempo tem já percorrido quatro theatros sendo entre elles o de Livorno, de grande importancia.

Francisco de Andrade, escripturado por todo o carnaval e quaresma em S. Remo debutou na *Aida*. As difficuldades da parte do feroz rei da Ethiopia não o assustaram e o triumpho que obteve na interpretação d'este personagem veio corroborar a sua aptidão. Em seguida cantou o *Fausto* com equal proficiencia.

Os dois Andrades reúnem dotes que são difficéis de encontrar em um artista de canto. As vozes são de boa qualidade, muito afinadas, volumosas, energicas, e ao mesmo tempo facéis na emissão e no portamento.

Bem impostadas prestam-se ao colorido musical e á accentuação adequada. As estas brilhantes qualidades artisticas alliam os noveis tenor e baritono um extraordinario sentimento no canto, que brota das suas almas apaixonadas, e uma maneira de estar em scena digna de ser invejada pelos cantores mais celebres da epocha. Não cantam só com perfeição, representam com mestria.

Não é pois de admirar que bem cedo vejamos os nossos dois compatriotas elevados ao apogeu da gloria, na carreira que escolheram e que outr'ora foi trilhada pelos immortaes Rubini e Tamburini.

A. Duarte.

O MARQUEZ DE SALAMANCA

(Conclusão)

Em 1847 foi elevado a ministro da fazenda, e em breve se reconheceu que o seu genio emprehendor e ousado predominava no governo. Por seu conselho se abriram as portas de Hespanha aos emigrados politicos, e se restituíram as honras ao duque de Victoria (Espantero) emigrado em Inglaterra. Já anteriormente havia influido nas reformas de Mon e de Bravo Murillo. Fez muitos e importantes emprehendimentos, deixando disposta a desamortização, que os progressistas depois apenas executaram.

Uma combinação dos generaes Serrano, Narvaez, Ros de Olano, e Fernandez Cordova fez cair esse ministerio. Já Salamanca tinha em tempo creado um periodico para combater Narvaez que conseguiu derribar.

Comtudo, a luta com Narvaez foi-lhe funesta. Este fel-o accusar perante as côrtes, accusação que não teve seguimento. Salamanca emigrou (1848) refugiando-se em Bayona. A sua casa foi quasi saqueada, e quando a ella regressou, em 1849, estava de tal modo desmantelada que teve que alugar uma para habitar.

Tinha-lhe ficado, como diz o seu biographo, o capital do seu grande entendimento, e a boa fortuna, dizemos nós, que nem sempre coroa os mais saos esforços.

Quando Salamanca fôra ministro, por muitas vezes reconhecera, quanto prejudicava aos negocios publicos a morosidade das communicações; a sua estada no estrangeiro deu-lhe conhecimento das vantagens da communicação accelerada.

Este germen, lançado no seu espirito havia annos, alimentado pela emigração e excitado agora pelas necessidades da sua actividade intellectual, fel-o conceber a empreza de dotar a patria de um melhoramento que ella só conhecia de ouvido.

A 7 de dezembro de 1851 abria-se ao publico o caminho de ferro de Madrid a Aranjuez, a primeira linha que se estabeleceu na peninsula, e ao mesmo tempo estabelecia o telegrapho electrico. A sua actividade não teve limites. Madrid, como capital, tornou-se o centro de que fez partir varios caminhos de ferro: um para Alicante com o ramal de Cartagena; outro para Saragoça e d'esta cidade para Alsasua por Pamplona, etc.

Em 1854, triumphando o movimento de Vi-

cálvaro, as locomotivas que introduziu para unir Madrid com o mar, serviram para perseguil-o. Julgaram-no conivente do governo contra a revolução, quando elle, como concessionario, não podia impedir aquelle de se servir das linhas telegraphicas e ferreas, segundo é expresso nos contractos; os revolucionarios tambem d'ellas se serviram, depois perseguiram-o, e em Madrid, a plebe, entre outros desvairios, saqueou e queimou as casas do conde de S. Luiz; Collantes e Salamanca; a riquissima mobilia, e preciosos objectos artisticos, que adornavam a sumptuosa residencia do ultimo, foram vandalicamente lançados á fogueira. Salamanca teve que fugir disfarçado, valendo-lhe a junta revolucionaria de Albacete que o prendeu, para segurança d'elle, retendo-o e resistindo energicamente a entregal-o aos seus inimigos de Madrid.

Salamanca conservou sempre grata recordação d'este successo, dedicando carinhoso affecto á provincia de Albacete, onde foi fundar a sua magnifica propriedade de Los Llanos, de que teve o titulo de conde.

Passado tempo Salamanca tinha o seu palacio dos Recoletos, talvez mais sumptuosamente montado que o antigo da rua de Cedaceros. A influencia de Salamanca em Madrid foi grande. Transformaram-se as casas, os hoteis e creou o novo bairro de Salamanca, que, apesar de o arriunar, é uma das suas creações mais importantes, e ainda assim não chegou a realizar todo o seu pensamento, não só por falta de tempo, mas por contrariedades e desconfianças de alguns homens; comtudo esta empreza ficará como eterno padrão do seu genio.

Portugal tambem deve a Salamanca parte dos seus melhoramentos. Como se sabe desde o movimento chamado da Regeneração, começou uma nova era de desenvolvimento material para o paiz. Emprehendeu-se a construcção de estradas, telegraphos e caminhos de ferro.

Projectou-se primeiro a linha de Lisboa á fronteira de Badajoz e começou a construcção da primeira secção de Lisboa ao Carregado por uma companhia ingleza; comtudo dois annos depois (setembro de 1855) o governo mandava tomar posse de todo o material e obras d'ella, e rescindia o contracto com a companhia, por falta do seu cumprimento. Continuou a construcção por conta do estado, ao mesmo tempo que se estudavam outras linhas. Em sette ou oito annos, porém, havia apenas oito leguas de caminho de ferro construidas. Urgia ligar Lisboa ao resto da Europa, ao passo que não se devia protrahir por mais tempo a ligação das duas principaes cidades do paiz Lisboa e Porto, e sobre cuja realisação opinava vehementemente o grande orador José Estevão.

Apareceu então o marquez de Salamanca em Portugal, contractou a construcção das linhas, mediante certas condições, e em quatro annos estavam concluidas as duas linhas do Carregado á fronteira do Caia, e do Entroncamento ao Porto.

Este, para nós, milagre opera-o o genio e a actividade de Salamanca. Não se poupou dinheiro. E tudo desde o engenheiro até ao empreiteiro, tarafeiro e jornaleiro, era pago largamente dos seus serviços. Assim quer para as obras do Estado, quer para as dos particulares e até para os trabalhos agricolas quasi que era preciso dobrar os salarios, afim de se obter um trabalhador! Segundo ouvimos Salamanca não levantára de Portugal grandes lucros, mas conseguiu enriquecer a sua livraria com um livro, extorquido por portaria do governo á Bibliotheca publica do Porto, a titulo de emprestimo, para, segundo se affirmava, se fazer uma nova edição da preciosa raridade bibliographica, o *Tirant lo blanco*, cujo exemplar se julgava unico, mas de que depois o famoso banqueiro obteve segundo; nunca foi restituído, no entanto, Salamanca passados annos, vendo-se arruinado, fez leilão de moveis e livraria, e lá foi o *Tirant lo blanco*, vendido não nos lembra para onde!

O Marquez de Salamanca construiu ainda caminhos de ferro nos Estados pontificios, nos principados danubianos, e até nos Estados Unidos da America.

O bairro Salamanca, em Madrid, tinha-o arriuinado, mas as outras emprezas, se não conseguiram restaurar toda a sua fortuna, valeram-lhe ao menos, para reparar em parte os desastres succedidos.

Morreu quasi subitamente no seu palacio da Vista-Alegre, outr'ora paço real, a 21 de janeiro do corrente anno, este homem extraordinario, emprehendedor e magnifico, a quem a Hespanha e Portugal devem talvez quasi a sua transformação actual.

R. G.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

DE

ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

XXXVI

Deixando o mais que poderiamos notar entre-mos rapidamente na sala—J—. Reparemos n'uma farda e calção de velludo carmezim guarnecido de galão de prata dourada e colete similhante. Varios xaireis e telizes, cabeçadas, alguns estribos, sellas, coldres, etc. na maior parte porém do seculo passado. No meio d'isto distinguia-se um estribo de ferro adamascado (n. 20) com ornatos abertos; termina em forma de ogiva tendo o apoio elliptico, mas falta-lhe a argola. Seguiam-se a este em antiguidade um par de estribos de ferro forrados de bronze, cujo apoio era circular e mediam a altura de 31 centimetros. São do seculo xvii e pertencem á Bibliotheca d'Evora. Era escassa a exposição em artigos d'este genero, e, com quanto os] que n'ella havia, não fossem da maior importancia, estavam pela maior parte quasi occultos debaixo das vitrines da referida sala e nem toda a gente se curvava para os observar.

Outros artigos havia bastante curiosos, tal era por exemplo o Biombo (n. 72) dividido em dois corpos, e cada um d'estes formado de seis peças, todo de cartão forte pintado e com relevos dourados. Apresentava em uma serie de medalhões, no alto, a serie dos reis de Portugal, começando no seu progenitor, o conde D. Henrique e acabando em D. Pedro II e seu filho o principe D. João, depois rei, quinto do nome.

E no restante da altura reproduz as seis principaes batalhas da guerra da independencia, Montijo, linhas d'Elvas, Ameixial e Montes Claros, e tomadas de Alconchel e Villa Nova d'El-rei.

Os retratos reproduzem os typos da *Europa Portuguesa*, de Faria e Sousa e dos *Dialogos de Maris*. O desenho é defeituoso, mas as cores vivas e firmes. É da casa dos srs. viscondes de Fonte Arcada, e parece ter pertencido ao seu antepassado o 1.º visconde Pedro Jaques de Magalhães, um dos generaes d'aquellas campanhas, que talvez fosse quem o encomendasse.

XXXVII

Em frente da jenella estava a cadeira gestatoria da Sé de Lisboa (n. 71), menos grandiosa, mas proxivamente da fórma da que se vê no n.º 112 do nosso v volume, em que se ostenta o Papa Leão XIII. Se os successores de Christo se tivessem sempre contentado com o meio de transporte, de que o filho de Deus se serviu para entrar em Jerusalem, de certo não poderiamos admirar tão bellos artefactos, como estes.

Uma salva de prata (n. 24) do seculo xvi, redonda com labores imitando uma rede de cordel; duas outras do seculo xvii, uma dos srs. duques de Palmella (n. 58) com labores variados em meio relevo, do centro da qual se ergue uma taça em fórma de tulipa, com as petalas voltadas, muito graciosa, e outra (n. 23) redonda tambem com diversidade de labores, d'entre os quaes avultam quatro medalhões com cabeças.

Em frente do Biombo estava estendida uma cama de pau santo, (n. 77) cuja cabeceira de talha aberta tem o centro de coiro almofadado, com pés lavrados e hastes para armação. O lastro da cama é tambem de coiro lavrado e mede toda 1,80 de comprimento por 0,86 de largo.

Os n.ºs 25 a 44 comprehendiam as vinte peças de um tocador de prata branca, que pertenceu á rainha D. Carlota Joaquina.

As principaes d'essas peças apresentam o escudo bipartido das armas de Portugal e Castella em meio relevo, as outras teem sob a coroa real as letras (P. C. J.) princeza Carlota Joaquina. É um tocador rico, ao qual se não pôde invejar o ter reproduzido as feições da sua antiga possuidora.

Um espelho do seculo xviii (n. 76) tinha uma moldura de carvalho de talha muito graciosa, representando parras de vinha e cachos d'uvas. Não devem esquecer as duas imagens de Nossa Senhora e S. José (n.ºs 79 e 80) do nosso notavel esculptor Antonio Ferreira, palpadas em barro e pertencentes ao convento do Coração de Jesus de Lisboa, nem tão pouco os medalhões em faiança (n.ºs 81, 82 e 83) de Della Robbia dos seculos xv e xvi, havendo porém no ultimo a parte interior que pertence ao convento da Conceição de Beja, ao qual foi legado pela infante D. Beatriz, mãe d'el-rei D. Manuel.

(Continúa.)

R.

O AMIGO VISCONDE

V

Quando entraram no hotel, o Juca sahia da casa do jantar com Kate pelo braço. Era uma ingeza alta, magra e secca de fôrmas. Trazia um vestido preto muito afogado, com pregas quasi rectas no seio, apertado por um largo cinto de coiro inglez.

Em quanto o visconde esperava na sala da leitura, o doutor subiu ao quarto com o Juca e a Kate.

Ella ia á frente; e, ao andar, a saia estreita, simples e curta mostrava-lhe os sapatos de verniz e um bocadinho da meia preta esticada sobre o tornozello. O doutor sentou-se ao lado d'ella n'uma *chaise-longue*. Emquanto fazia perguntas ao Juca sobre a doente, examinava-a attentamente.

O seu rosto era pequenino, de feições pouco accentuadas, como o rosto indciso das creanças. Tinha a côr delicada — branco e rosa — d'uma porcelana fina atravessada por um raio de sol.

Usava os cabellos penteados para traz, muito lisos, torcidos com uma grande simplicidade sobre a nuca. Eram loiros, sedosos, da côr desmaiada e secca dos linhos claros da Irlanda; e tão tenues e d'uma apparencia tão vaporosa, que nos davam vontade de lhes soprar, de leve... Parece que se levantariam todos no ar, como um fumo doirado que se dissipa. Tinha olhos azues e grandes.

E o que mais espantava o doutor era a frescura, a castidade, a graça que ainda se conservava em toda ella, apesar dos estragos da doença! Sómente, de longe em longe, quando se lhe falava na Inglaterra, Kate ficava então muito triste, com o aspecto estiolado d'uma planta ainda tenra, cuja seiva é destruída por um bicho na raiz!

Trazia, n'esse dia, um collarinho alto de homem, com uma ferradura de oiro com esmeraldas. O pescoço atraz era magro; e, sobre o collarinho, duas mechas de cabellinhos, aos lados, caracolavam-se naturalmente, como uma pennugem leve.

O doutor Martel examinava-a com attenção. Havia alguns symptomas que o assustavam. A vibração das narinas, denunciando esforço de respiração; depois, dos punhos muito magros, onde atravez da brancura da pelle se cruzavam as veias azues, partiam as mãos, umas mãos de tísica, d'uma transparencia particular, incommensuráveis, nervosas, de longos dedos afilados e unhas arqueadas — como as mãos esguias das santas dos quadros gothicos!

Terminada a observação, o doutor Martel deuceu com Juca. O visconde esperava-os em baixo, estirado no sophá. Apenas entraram os dois, poz-se de pé, e perguntou ao medico:

— Então?

O doutor Martel encolheu vagamente os hombros. O Juca olhava-o com anciedade.

— Que te parece? — tornou o visconde.

Então o medico respondeu que da auscultação se via que o pulmão direito estava atacado.

— Está massiço em muitos pontos — acrescentou elle, com um tom de querer tranquilisar — todavia, n'uma creatura como Kate é de receiar.

O pobre Juca estava verdadeiramente torturado!

Imagem! A existencia na companhia da sua loira Kate corria-lhe deliciosa! Tinham ido como dois namorados mettidos n'uma gondola, seguindo á mercê da corrente fugitiva e á meiga luz de um luar saudoso. Tudo em volta d'elles os affagava e lhes sorria. Os seus corações estremecidos boiavam na doce paz do amor, como duas flôres de nenuphar á superficie d'um lago tranquillo! Iam sem rumo, indefinidamente, á ventura...

O Juca era d'um temperamento apaixonado e impetuoso. A sua sensibilidade quasi selvagem e por isso de facil excitação, fazia-lhe antever e sentir os acontecimentos d'um modo extraordinario, avultando-os. D'uma natureza sensual, avido e insaciavel, todo o seu organismo se expandia no gozo dos prazeres faceis da vida. Era, pois, feliz e alegre, d'um caracter bom, quasi infantil, tão impressionavel ás primeiras alegrias, como ás primeiras contrariedades.

Mas — e n'isto se resumia a sua personalidade — de todas as mulheres que tinha conhecido na sua vida, nenhuma o captivára tanto como Kate! Porque ella era docil, meiga, com ternuras sentimentaes, que lhe enchiam a alma. Depois, procurava-lhe todas as caricias, lisongeava-lhe todos os caprichos, satisfazia-o, amimava-o, idolatrava-o quasi; e, nos impetos do seu amor, refugiava-se lhe d'encontro ao peito, e ali ficava, como uma pomba aninhada no calor suave do ninho!...

E tudo isso, pensava Juca, tinha elle de perder,

n'um instante! Sentia já uma dôr profunda, que lhe atravessava o coração! O pobre Juca, sentado junto da meza, com a cabeça entre as mãos, previa já o termo fatal de todo o seu amor! Parecia-lhe que já via a sua querida ingeza agonizante, prendendo-lhe as mãos, exhalando a vida no ultimo beijo!

Passava as mãos pela testa, para affastar aquellas ideias funebres, que o torturavam!

E, por um sentimento de reacção, vinham-lhe então desejos de ir vêr, de a beijar, de a amimar, de a cobrir de mil caricias, como um pae estremoso a uma filha querida que parte para muito longe!...

O visconde e o doutor Martel fallavam baixo, ao lado. Quando se approximavam para se despedir, Juca ergueu a cabeça; e, com um gesto convencional, mas sincero, passando os dedos pelos cabellos, exclamou, n'um abatimento doloroso de victima:

— A' sorte mi é adversa!

E foi acompanhar os dois amigos até á porta.

Na rua, o visconde parou, e disse ao doutor:

— A pequena vae-se embora?

— Assim me parece.

Caminharam silenciosos até ao largo das Duas Igrejas. Do outro lado, ás portas da Casa Havana, estacionavam grupos. A gente que descia o Chiado, ora desaparecia na sombra, ora se destacava, á claridade das *vitruines* illuminadas. As carruagens desciam para os theatros, deixando perceber, n'um relance, á luz dos candieiros, bustos elegantes abafados em rendas brancas. No meio d'aquelle surdo borborinho, o grito agudo d'um rapaz, que passava correndo por entre a multidão, destacava-se, annunciando o titulo dos jornaes da noite.

O visconde e o doutor dirigiram-se para S. Carlos; mas, quando iam a entrar na rua do Outeiro, uma voz chamou atraz:

— Luiz.

Voltaram-se ambos.

Era Leonide. Ia muito abafada no seu casaco alvadio, com as mãos enfiadas n'um regalo. Ella dirigia-se para o theatro.

— E verdade! exclamou o doutor — que vae hoje?

— Roberto — disse ella.

— Lá vou.

O visconde ia tambem, mas mais logo.

Continuavam todos tres vagarosamente, até ás grades do Largo do Picadeiro. Pararam ali, conversando baixo, n'uma grande intimidade.

O visconde, que estava fóra do passeio, subiu de repente, ouvindo o estrepito pomposo dos cavallos dos batedôres da casa real.

E, em seguida, diante dos tres que se collocaram em fila á borda do passeio, as carruagens reaes passaram a grande trote, tiradas por duas parelhas de mueres.

Leonide despediu-se, pedindo ao visconde que a procurasse no palco, n'um intervallo.

— Lá irei — disse elle.

Quando ella se affastava ao longe, destacando-se na sombra da noite o seu corpo elegante, o visconde, seguindo-a com o olhar, exclamou:

— Que carraça!

O doutor Martel teve um sorriso de piedade:

— És um tolo! — disse elle.

Mas, como a presença de Leonide lhe recordasse a doença de Kate, o visconde perguntou então ao medico:

— E' verdade! Então não ha nada, mesmo nada, que possa salvar aquella pobre rapariga?

— Nada — respondeu seccamente o doutor Martel, encostando-se á grade.

— Pois não imaginas a pena que me faz! — tornou o visconde.

— E' triste, é! E o rapaz parece-me sympathico, coitado!

O visconde olhou fito o amigo, com um ar irrosoluto; e, de repente, deitando-lhe uma mão ao hombro, disse-lhe baixo:

— Elle é um asno! Ella faz-me pena; porque a minha intenção — explicou elle confidencialmente — era tirar-lh'a.

O doutor espantado esbugalhou os olhos; mas o visconde, indifferente á surpresa do amigo, continuou:

— Conhecia-a muito! Ah! não fazes ideia, Martel...

E no som tremulo da sua voz, na tristeza do olhar, no gesto, perpassava-lhe um grande sentimento de saudade:

— Não fazes ideia! Atravez d'aquella apparencia fria — explicou elle, aproximando-se-lhe do ouvido — é um vulcão! um vulcão!

(Continúa).

Alberto Braga.

EPHEMÉRIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1856. — Março 11. — Representa-se pela primeira vez, na sala dos concertos do theatro de S. Carlos, o drama sacro — *O filho Prodigio*, — musica de João Baptista Longarini; desempenhado por Angelelli, Longarini, Tavani e Spadolini.

1856. — 12. — Chega a Lisboa o famoso tenor Tamberlick, vindo de Londres, de passagem para o Rio de Janeiro, acompanhado da primeira dama Julienne Dejean.

1852. — Março 13. — Exposição de *cães e macacos eruditos* de mr. Delafiora, no circo de Madrid, sito na rua Oriental do Passeio, e depois no Campo de Sant'Anna.

1819. — 14. — Tem logar a viagem aerea de mr. Roberston, que subiu aos ares na quinta dos condes de Anadia, na rua de S. João dos Bem Casados, Lisboa.

1558. — 15. — Morre da idade de 63 annos, na sua quinta da Tapada, junto a Ponte de Lima, o poeta Francisco Sá de Miranda, denominado o *Seneca* e o *Platão Portuguez*. Jaz na capella de Santa Margarida da egreja de S. Martinho de Carrzedo, no districto de Braga.

Este distincto escriptor nasceu em Coimbra em 27 de Outubro de 1495.

1865. — 16. — Concerto pelas irmãs Clauss insignes rabequistas, sendo muito applaudidas. Foi no theatro de S. Carlos. O ultimo, que foi dado no theatro da Trindade, tendo logar em 10 de abril d'esse anno.

1837. — 17. — Primeira representação no theatro de S. Carlos da opera de Bellini *Os Puritanos* desempenhada pela Tavola Begoli, Coletti, Campagnoli.

1841. — 18. — Mademoiselle Augusta Gazznoli Boccabadatti, filha de Luiza Boccabadatti, faz a sua estreia no nosso theatro lyrico, com a opera comica em 2 actos do maestro Coppola — *A filha do Espadeiro* — obtendo grandes applausos.

1828. — 19. — Celebra-se na real capella da Bemposta, em Lisboa, a grande missa de Frei José Marques de Santa Ritta e Silva, em homenagem ao infante D. Miguel pela sua chegada á capital.

1792. — 20. — Morre em Roma, na idade de 79 annos, o douto escriptor Luiz Antonio Verney, um dos mais potentes motores da expulsão dos jesuitas em Portugal, e auctor do escripto de combate *Verdadeiro methodo de estudar*, em que elle fugitava o ensino jesuitico, n'aquelle tempo em seu maior vigor.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

HISTORIA UNIVERSAL, original do dr. Jorge Weber, traducção e notas por Delfim d'Almeida, Empresa Litteraria de Lisboa, editora, rua Nova do Almada 36, Lisboa. Com o fasciculo 27, terminou o 3.º vol. d'esta obra a todos os respeitoes recommendavel.

Do volume que acaba de concluir extrahimos a gravura *Luthero pregando a reforma*, a qual serve de especimen aos nossos leitores para avaliarem da belleza das gravuras que adornam esta historia, uma das mais reputadas e a mais util para o estudo, porque, resumindo os factos e evitando a fadiga de largas dissertações, o leitor facilmente se instrue na HISTORIA UNIVERSAL.

Esta historia composta de seis volumes não chega a custar por assignatura 68000 réis depois de completa, o que será breve, se attendermos á rapidez com que tem sido publicados os primeiros tres volumes.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Lgrimas com pão, passageiras são.

O POSITIVISMO, revista de philosophia dirigida por Theophilo Braga e Julio de Mattos—Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz, editores, 12 largo dos Loyos. Publicou-se o n.º 4.º do IV anno relativo a julho e agosto de 1882. Encerra a conclusão do artigo—Marcha da politica europea com relação aos destinos da civilização occidental, do sr. Theophilo Braga; a continuação do importante trabalho do sr. Consigliere Pedrosa, *Tradições populares portuguezas, XII superstições populares (varia)*, este estudo é já hoje muito rico, comprehendendo 713 artigos relativos a praticas ou usos mais ou menos supersticiosos, tendo apenas o defeito de uma certa falta de classificação que tornaria a sua consulta mais facil, de difficil que assim é.—Methodos: *Metaphysica e Positivismo, Hypotheses — indução e deducção* pelo sr. Julio de Mattos; —*A sociedade portugueza e a philosophia positiva*, (introdução do livro *Principios de philosophia positiva* extrahidos do Curso de Augusto Comte, em via de publicação) pelo sr. Teixeira Bastos; e dois artigos de critica litteraria e bibliographica, um sobre o *livro de escripta* do professor Faulmann pelo sr. Gonçalves Vianna, onde ha cousas muito curiosas, e outro do sr. Julio de Mattos relativo ao *Ensaio sobre a evolução da humanidade*, do sr. Teixeira Bastos.

REVISTA DE CLÍNICA MÉDICO-QUIRÚRGICA, director dr. D. Pedro Esquerdo y Esquerdo—Año II, 15 de Enero de 1883—Num. 1—Barcelona.—Esta revista encerra varios artigos sobre estatística medica sobre enfermidades localizadas; sobre as applicações do jaborandi e pilocarpina; sobre o tratamento dos pés disformes, etc. E' administrador d'esta importante publicação J. B. Agramunt y Compañia; calle de Fernando VII, num. 53, entresuelo 1.º Barcelona.

A QUESTÃO DO ZAIRE — DIREITOS DE PORTUGAL. *Memorandum* — 1883, Lallemand Frères. Typ. Lisboa. *Fornecedores da casa de Bragança, 6, Rua do Thesouro Velho.* 8.º francez de 75 paginas e uma de erratas. E' conhecido de todos o que se tem dito e escripto, n'estes ultimos tempos, a proposito das explorações feitas e intentos projectados na região do Congo ou Zaire, pelo explorador italo-

francez Savorgnan de Brazza. Já em o n.º 138, pag. 238 do nosso V volume demos uma succinta noticia das pretensões d'este notavel explorador e do simulacro de tratado, que celebrou (?)

cidade de geographia de Lisboa, incumbindo o estudo d'este ponto historico a uma commissão evita-nos esse trabalho. São tantas as questões que temos tido que sustentamos com relação aos nossos dominios de Alem-mar, que o nosso direito sobre essas possessões tem sido demonstrado em varias memorias, publicadas desde quarenta annos a esta parte. Depois d'isso varios trabalhadores infatigaveis tem posto a publico muitos documentos, que jaziam ineditos, e que estão reclamando a luz para os seus companheiros dos archivos. Aproveitar e approximar esses materiaes dispersos, e acaso juntar-lhe algum ainda occulto, dando-lhe a ordem e nexo preciso para o assumpto sujeito, foi o importante trabalho da Commissão, hoje do dominio do publico e em que os nossos serviços e a prioridade d'elles na causa da civilização, mais uma vez são demonstrados por maneira irrefutavel. Comtudo é mister saber-se que a *Sociedade de Geographia* não julga que com a publicação do *memorandum*, está tudo feito, mas confia que a nação acudindo, como deve, aos nossos dominios d'Alem-mar, confirme no campo dos factos, aquillo que ella affirma no campo do direito. E' necessario despertar por uma vez, e resolver o problema colonial.

ANNAES DO CLUB MILITAR NAVAL. Publicou-se o ultimo numero do anno de 1882, com que fecha o XII volume. Inclue a publicação do *memorandum* apresentado á Sociedade de Geographia, pelo capitão-tenente da armada o sr. João Antonio de Brissac das Neves Ferreira, sob o titulo *Da necessidade de fixar definitivamente os limites dos nossos territorios na costa occidental de Africa ao sul do Equador*, cujo assumpto só por si se recommenda e tem muita conexão com o *memorandum* acima mencionado. Segue com uma noticia sobre a *Viagem de instrução feita pela corveta Bartholameu Dias em agosto e setembro de 1882*, e outros artigos estatísticos relativos ao Club e á armada, interessantes.



LUTHERO PREGANDO A REFÓRMA

Gravura extrahida do 3.º vol. da *Historia Universal*, do dr. Jorge Weber—Edição da Empresa Litteraria de Lisboa

com o Makoko, um chefe africano, ha quatro seculos sujeito a Portugal. No final d'aquelle artigo, diziamos que logo que tivéssemos mais completa noticia do que se passasse em França a este respeito, trataríamos o assumpto como merecia e informariamos os nossos leitores. A so-

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

O OCCIDENTE

Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro
SEXTO ANNO—1883

PREÇOS D'ASSIGNATURA

PARA O CONTINENTE DE PORTUGAL E AÇORES
Franco de porte, moeda forte

Anno ou 36 numeros.....	3\$800
Semestre ou 18 numeros.....	1\$900
Trimestre ou 9 numeros.....	\$950
A' entrega, cada numero.....	\$120

POSSESSÕES ULTRAMARINAS D'AFRICA
Franco de porte, moeda forte

Anno.....	4\$000
Semestre.....	2\$000

ESTRANGEIRO, UNIÃO GERAL DOS CORREIOS
Franco de porte, moeda forte

Anno.....	5\$000
Semestre.....	2\$000

BRAZIL

Franco de porte, moeda fraca

Anno.....	15\$000
Semestre.....	7\$500

PREÇOS DOS VOLUMES

1.º, 2.º e 3.º

Cada um encadernado.....	4\$000
" " brochado.....	3\$000

4.º e 5.º

Cada um encadernado.....	5\$000
" " brochado.....	4\$000

Para o estrangeiro enviados pelo correio accresce 1\$000 réis por volume.

Preços de séries

De 12 numeros seguidos relativos aos 1.º 2.º e 3.º volumes.....	1\$500
De 6 numeros seguidos relativos aos mesmos volumes.....	\$750
De 18 numeros seguidos relativos aos 4.º e 5.º volumes.....	2\$000
De 9 numeros seguidos relativos aos mesmos volumes.....	1\$000

Preços dos numeros, supplementos e indices avulsos

N.ºs 1 a 72 cada um.....	\$160
N.º 73 em diante cada um.....	\$120
Supplementos.....	\$400
Indices e frontespicios juntos e capa de papel....	\$120

CAPAS PARA ENCADERNAÇÃO

Em pano chagrin com ornatos preto e ouro

Cada uma.....	\$800
---------------	-------

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1882 E 1883

Cada um.....	\$200
--------------	-------

VIAGEM Á RODA DA PARVONIA

PELO COMMENDADOR GIL VAZ

Um volume de 240 paginas illustrado por M. de Macedo.....	\$500
---	-------

A COMEDIA BURGUEZA

I

SAPATOS DE DEFUNCTO

Por Leite Bastos

EDIÇÃO DE LUXO

Um volume de 200 paginas illustrado por M. de Macedo.....	\$600
---	-------